

MARCOS PEREIRA



# HISTÓRIA DA MAÇONARIA EM CURITIBA





**Marcos Pereira**

# História da Maçonaria em Curitiba

**2ª Edição**

**Curitiba**

**ISBN 978-65-01-25001-4**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

**Pereira, Marcos**

**História da Maçonaria em Curitiba / Marcos**

**Pereira. -- Curitiba, PR : Ed. do Autor, 2024. ISBN 978-65-01-25001-4**

**1. Maçonaria - Curitiba (PR) - História**

**2. Maçonaria - Doutrinas 3. Maçonaria - Filosofia 4. Sociedades secretas I.**

**Título.**

**24-241589 CDD-366.109**

**Índices para catálogo sistemático:**

**1. Maçonaria : História 366.109**

**Aline Grazielle Benítez - Bibliotecária - CRB-1/3129**

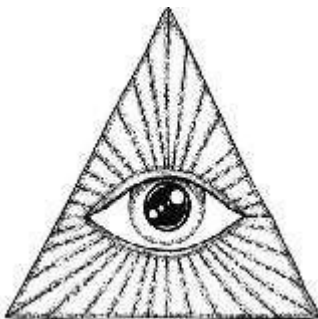
## Dedicatória

Esta obra é dedicada a todos os buscadores sinceros, que dignificam a Arte Real e abrilhantam as Colunas de suas Oficinas, em especial aos Obreiros que buscadores da verdade e veem a Maçonaria como herdeira das Escolas de Mistério do Egito Antigo, sendo muito mais do que uma Ordem apenas de cunho social e sim também espiritualizada e esotérica.





“ Oh! quão bom e quão suave é que os Irmãos habitem em união”.  
(Salmo - 133)







# **Sumário**

<b>Primórdios da Maçonaria.....</b>	<b>11</b>
<b>As Primeiras Lojas Paranaenses .....</b>	<b>15</b>
<b>A Maçonaria e a Abolição .....</b>	<b>17</b>
<b>As Primeiras Lojas de Curitiba.....</b>	<b>19</b>
<b>A Maçonaria e a Fundação da Santa Casa de Curitiba .....</b>	<b>20</b>
<b>Loja 27 de Dezembro .....</b>	<b>24</b>
<b>Loja Fraternidade Paranaense.....</b>	<b>24</b>
<b>A Luz Invisível.....</b>	<b>25</b>
<b>A Loja Luz Invisível e o Centro de Estudos Independentes “Luz Invisível” .....</b>	<b>26</b>
<b>Acácia Paranaense .....</b>	<b>27</b>
<b>Loja Unione e Fraterllanza.....</b>	<b>28</b>
<b>Loja Giuseppe Garibaldi .....</b>	<b>28</b>
<b>Fundação da Loja Dario Vellozo.....</b>	<b>29</b>
<b>Grande Loja do Paraná.....</b>	<b>31</b>

<b>A Loja Dario Vellozo e o Edifício Acácia .....</b>	<b>32</b>
<b>Grande Oriente do Paraná.....</b>	<b>33</b>
<b>Ildefonso Pereira Correia, o Barão do Serro Azul...37</b>	
<b>O Contexto da Revolução Federalista em Curitiba no ano de 1894 .....</b>	<b>41</b>
<b>Dario Persiano de Castro Vellozo – Simbolista e Esoterista de Curitiba .....</b>	<b>47</b>
<b>O movimento simbolista no Paraná.....</b>	<b>52</b>
<b>Silas Pioli .....</b>	<b>53</b>
<b>O Clube Concórdia.....</b>	<b>55</b>
<b>O Clube Garibaldi .....</b>	<b>55</b>
<b>Referencias e Créditos .....</b>	<b>59</b>

## **Primórdios da Maçonaria**

Não podemos iniciar esta obra sem antes refletirmos sobre os primórdios da maçonaria.

Os primórdios da Maçonaria são obscuros, assim como parte de sua história. O que podemos afirmar é que ela descende de antigas corporações de pedreiros construtores das catedrais, pois Maçonaria em francês é derivado de maçon, significando literalmente pedreiro em francês.

A Maçonarias apresenta duas fases: a primeira, operativa, e a segunda especulativa. Na primeira fase, seus componentes operavam como trabalhadores especializados. Já na segunda fase, denominada especulativa, seus adeptos são homens de pensamento.

A Maçonaria Operativa se estendeu por toda a Idade Média e Renascença até a fundação da Grande Loja de Londres em 1717. No ano de 1723 surge a primeira Constituição Maçônica. Na França em 1728, é fundado o Grande Oriente da França e logo o Grande Oriente Lusitano em Portugal, fundado em 1802.

Quanto aos primórdios da maçonaria no Brasil, existe pouca literatura maçônica que seja confiável tratando deste assunto, assim, permanece um tanto nebuloso os primórdios da Maçonaria em nosso país. O

que sabemos é da presença da maçonaria no Brasil desde a Inconfidência Mineira no final do século XVIII, onde a primeira oficina maçônica brasileira teria surgido filiada ao Grande Oriente da França, instalada por volta de 1801 no contexto da Conjuração Baiana. A partir de 1809 foram fundadas várias lojas no Rio de Janeiro, algumas independentes e outras sob os auspícios do Grande Oriente Lusitano ou do Grande Oriente da França.

Não podemos afirmar categoricamente qual Rito eram praticados pelas Lojas independentes, mas, podemos afirmar que as jurisdicionadas ao Grande Oriente da França praticavam o Rito Moderno ou Francês e as jurisdicionadas ao Grande Oriente Lusitano, o Rito Adonhiramita.

Também em 1801 a Loja Reunião, em Niterói RJ, jurisdicionada ao Grande Oriente da França torna-se a primeira Loja Regular Brasileira. Já em 1808 no Rio de Janeiro, com a vinda da corte portuguesas para o Rio de Janeiro, fundam-se algumas Lojas sob os auspícios do Grande Oriente Lusitano.

Em 1815, também no Rio de Janeiro, deu-se a fundação da Loja Comércio e Artes, a qual foi fechada em 1818 por ordem do governo português, que proibia o funcionamento de sociedades secretas no Brasil e em Portugal. Em 1821 a Loja Comércio e Artes foi reinstalada sob os auspícios do Grande Oriente de Portugal, e em 1822 dividiu-se em outras duas, sendo a União e Tranquilidade e a Esperança de Niteroy, para assim então constituir o Grande Oriente Brasília ou Brasiliense, livrando-se assim de estar subordinado ao Oriente Lusitano.

Durante o decorrer dos anos a Maçonaria sempre esteve participativa nos acontecimentos do país. Várias potências surgiram, devido a cisões, e além disto, haviam um incontável número de Lojas Independentes. No Paraná e mais especificamente em Curitiba a partir do ano de 1845, onde funda-se a primeira Loja de que se tem notícia (Fraternidade Curitybana), não foi diferente. Devido a cisões, Lojas Independentes, Grandes Orientes Independentes, em alguns momentos quando paramos para reunir o histórico dos primórdios da Maçonaria em Curitiba, é muito comum encontrarmos mais de uma Loja com o mesmo nome, o que de certa forma vem a confundir os incautos que não se debruçam sobre a documentação ainda existente.

Nos dias atuais pouco mudou, pois desde os primeiros anos de existência da Maçonaria dita especulativa de que temos notícia, duas concepções diferentes de Maçonaria desenvolveram-se: A Maçonaria regular, inglesa, baseada no estilo da Maçonaria da Grande Loja Unida da Inglaterra e a Maçonaria Liberal, adogmática, oriunda das concepções do Grande Oriente da França.

Não é assunto fácil dissertar sobre as diferenças de uma e outra. A Maçonaria Francesa, ao contrário da Maçonaria Inglesa, foi impactada pelos princípios dos ideais iluministas de Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Desse modo, foi adotado pelo Grande Oriente da França, regulamentações que suavizavam as exigências de abertura de algum livro sagrado em Loja, de os trabalhos serem feitos a Glória do Grande Arquiteto do Universo e o impedimento em serem iniciados os ateus. Estas

modificações objetivavam expurgar da Maçonaria todo e qualquer vestígio de religião, tornando-a uma fraternidade adogmática e laica. Entendemos assim que tais regulações são adotadas no sentido da permissão, e nunca de exigência, o que iria contra a ideia fundamental de Maçonaria Liberal, qual seja, a Liberdade Absoluta de Consciência. De outro lado, a Maçonaria inglesa, apegando-se a Constituição de Anderson, e aos Landmarks de Albert Mackey, sendo restritiva com relação a isso. Estas diferenças ocasionaram o não reconhecimento mutuamente das maiores e mais tradicionais Potências do mundo, a Grande Loja Unida da Inglaterra e o Grande Oriente de França.

Para resumir, no Brasil, a mais antiga das Potências Maçônicas é o GOB - Grande Oriente do Brasil, que apesar das cisões quando criado em 1822, é uma Potência Central que abriga Potências Estaduais em Grandes Orientes Estaduais, estando hoje ligada a Maçonaria inglesa. Em 1927, através de uma cisão histórica, Lojas Maçônicas que saíram do GOB originaram as Grandes Lojas, que hoje se associam na Confederação Maçônica Simbólica Brasileira (CMSB). Em 1973, através de outra cisão histórica no GOB, fundaram-se os Grandes Orientes Independentes, associados na Confederação Maçônica do Brasil (COMAB).

Podemos ver, assim, que de um modo geral, todas regulares, tem certo grau de parentesco, na medida em que são resultados de dissidências ocorridas dentro da Maçonaria brasileira.

Também é fato que a maioria de seus atuais membros ingressou na Irmandade sem ter ideia de que

no Brasil houvesse mais de uma Maçonaria, ou melhor, mais de uma Obediência.

## **As Primeiras Lojas Paranaenses**

Sendo Paranaguá a cidade mais antiga do Paraná, fundada em 1648, nada mais natural que por lá tenha surgido a primeira Loja Maçônica no Estado.

Paranaguá, é testemunha de mais de 400 anos de história e guarda ainda nos dias de hoje, vestígios da época da colonização portuguesa em seus casarios de fachada azulejada, em suas ladeiras de pedra e em suas igrejas.

Já Curitiba, nome significando “muito pinhão”, ou “muito pinheiro”, tem sua fundação oficial em 29 de março de 1693, com uma pequena capela, na região da Praça Tiradentes, onde está o marco zero da cidade.

A História da Maçonaria Paranaense é gloriosa, onde participaram desta, uma gama de nomes que prestaram serviços ao desenvolvimento do Estado. São nomes que dignificaram a Maçonaria e conferiram realce aos quadros de Obreiros de suas Oficinas na época em que trabalharam. No Paraná, ainda província de São Paulo, os maçons paranaenses foram liderados pelo comendador Manoel Francisco Corrêa Júnior (o pai do Barão do Serro Azul, que comentaremos mais a frente), o qual fundou a primeira Loja Maçônica do Paraná, a Loja União Paranaguense, por volta de 1837, tendo como seus fundadores os Maçons: Manoel Francisco Correia Junior,

Manoel Antônio Pereira Filho e José Joaquim da Cunha Viana.

A Loja teve importante papel no movimento de emancipação do Paraná em 19 de dezembro de 1853. Esta Loja funcionou até 1848 onde acabou abatendo colunas.

Com o abatimento de colunas da União Paranaguense, fundou-se em 1857 a Loja FRATERNIDADE PARANAGUENSE, criada por maçons oriundos da UNIÃO PARANAGUENSE. Esta Loja funcionou até por volta de 1863, onde acabou por encerrar suas atividades.

Em 1864, os Irmãos: Alexandre Furton Bousquet, Lourenço Correia Pereira, Joaquim Soares Gomes, Leocádio Pereira da Costa, Antônio Martins da Silva Guimarães, José Ferreira de Freitas Maia, Lourenço Machado da Silva, Manoel Gomes de Castro, João Antônio Xavier, Joaquim Pereira Leite Guimarães, Joaquim Pinto de Almeida e Carlos Augusto César Plaisant, fundaram a Loja Perseverança. A Perseverança funcionou a princípio na Rua das Flores, atualmente Hugo Simas, e em 1865 a Loja acabou mudando de local, para uma propriedade do Maçom TRISTÃO EUCLIME d'WALDUVAL, onde o imóvel foi adquirido em 1867, sendo registrada em escritura pública, datada de 30 de julho de 1867. A Loja Perseverança, desde 1865 vem realizando suas reuniões no mesmo endereço (Rua Faria Sobrinho nº 824, Paranaguá PR).

Podemos afirmar que a ação abolicionista no estado do Paraná teve início nesta Loja, pois em 18 de janeiro de 1868 foi aprovada uma proposta apresentada pelo Venerável Dr. Alexandre Bousquet, que estabelecia



“que todos os fundos, tanto da tesouraria como de beneficência da Loja, que excedessem seus gastos seria empregado na libertação de escravos de qualquer cor, do sexo feminino, e que não tivessem mais de quatro anos de idade”.

## **A Maçonaria e a Abolição**

O grande momento que marcou a presença da maçonaria no cenário político do Estado, foi durante a campanha abolicionista. As lojas maçônicas e os líderes maçons brasileiros tiveram intensa participação nessa campanha, estando à frente das diversas organizações emancipacionistas, demonstrando uma influência decisiva nesse processo que foi trabalhado pela Maçonaria brasileira.

Em 1865, em discurso que defendia a unidade da maçonaria, ameaçada pela cisão que dividia os Orientes do Lavradio e dos Beneditinos, cisão que havia ocorrido no início dos anos de 1860, defendendo a unidade em torno do Grande Oriente do Brasil, Saldanha Marinho lançou o grito oficial do abolicionismo maçônico, propondo que a emancipação dos escravos saísse do seio da maçonaria.

Em 1869, o maçom Ubaldino do Amaral, apresentou uma proposição que foi aprovada por maioria, não sendo por unanimidade porque os proponentes abstiveram-se de votar. A proposta, estabelecia novos valores para a joia de iniciação e para as mensalidades, apresentando como fato novo, a criação na oficina de

uma caixa de ofertas, que seria chamada de emancipação, na qual os membros depositariam suas ofertas, e o produto arrecadado seria utilizado exclusivamente para a emancipação de crianças escravas do sexo feminino, com idade variando de dois a cinco anos. As crianças libertadas do cativeiro ficariam sob a proteção da Loja.

Os banquetes seriam substituídos por arrecadação em dinheiro que se transformariam em donativos e seriam utilizados para a manutenção dessas crianças e para a criação de escolas para adultos e menores, mantidas pela loja em funcionamento noturno para ensino gratuito das primeiras letras.

Vemos assim, que a Maçonaria, já no final dos anos 1860, começou a envolver-se de forma mais institucional na campanha abolicionista, começando com decisões tomadas em algumas Lojas que começaram a se espalhar pelo Brasil.

Em 04 de abril de 1870, Ruy Barbosa, que havia sido iniciado na Loja América, 1869, propôs nesta mesma Loja, em São Paulo, um projeto do qual constava a obrigatoriedade de todas as lojas maçônicas brasileiras reservarem um quinto de sua receita para alforriamento de crianças escravas. Nessa proposta constava ainda que todos os interessados em ingressar na Maçonaria, deveriam libertar todas as crianças do sexo feminino que fossem filhas de escravas suas, e ainda exigia que todos os maçons brasileiros deveriam também libertar as filhas de suas escravas.

## **As Primeiras Lojas de Curitiba**

Em Curitiba, em Abril de 1845 funda-se a Loja Fraternidade Curitybana, a primeira Loja Maçônica fundada na Comarca de Curityba, e a segunda, na Província do Paraná, tendo sido emitido seu boletim em 01/04/1845, conforme Bol. GOB 1896 pág. 351.

A Fraternidade Curitybana possuía um bom prédio, na então Praça da Matriz, que fôra doada pelo Padre Antonio Teixeira Camello por seu testamento a caridade, ocorrida em 24 de Abril de 1847. Por essa forma, ficou a Fraternidade Curitybana responsável pela propriedade, que passou a fazer parte de seu patrimônio. A população com as notícias, de que a Província do Pará estava sendo assolada pela cólera-morbus, e que esta também já tinha atingido outros pontos do país, reuniram-se com Dr. José Antonio Váz de Carvalho, Chefe de Polícia, em sua casa, a fim de tomarem as medidas necessárias para impedir que a molestia viesse encontrar a Província desprevenida de recursos hospitalares. Assim, foi nomeada uma comissão composta por 12 membros, da qual fazia parte o Dr. José Candido da Silva Muricy, médico militar residente em Curityba.

A Comissão foi constituída em 19 de Agosto de 1855 e em 16 de Setembro, o Dr. Muricy apresentou ao Dr. Beaurepaire, Vice Presidente da Província, então em exercício, um relatório, no qual exaltou o valor do trabalho, mas mostrou a necessidade da vinda de mais 6 médicos e 2 farmacêuticos, pois como havia constatado, em alguns lugares da Província não se encontrava ao

menos um curandeiro, havendo falta absoluta de remédios, e terminava, afirmando que sem tudo isso, não se poderia combater o coléra-morbus em serra acima, onde não havia uma unica botica, mesmo havendo uma população de cerca de 40 mil almas. Assim, era necessaria a vinda, não só de medicamentos, como também de todos os utensilios proprios para preparo e manipulação.

## **A Maçonaria e a Fundação da Santa Casa de Curitiba**

O padre Antônio Teixeira Camello foi o pároco da Igreja Matriz de Curitiba, no período de 1823 a 1847. Morreu aos 63 anos de idade, em 24 de abril de 1847, e fez, em seu testamento a doação de uma propriedade, onde tinha sua residência, e que antes pertencera a seus pais, na então Praça da Matriz (hoje Praça Tiradentes), esquina da Rua Fechada (hoje Rua José Bonifácio). Onde era a casa do padre Camello, atualmente está o edifício Nossa Senhora da Luz, ao lado da Catedral.

Dizia em seu testamento: "Deixo esta casa em que moro para servir de hospital de Caridade, e no caso de que este não se estabeleça no prazo de dezesseis anos, será a mesma casa arrematada e repartida pelos pobres desta Freguesia. E, no entanto, os alugueis que renderem se distribuirá pelos presos pobres."

As condições da cidade de Curitiba, nos idos de 1854, estão descritas no Relatório que o chefe de polícia Dr. Antônio Manoel Fernandes Júnior enviou ao presidente da

Província, Zacarias de Góes e Vasconcellos, aqui transcritos: Existiam quatro Igrejas: a Matriz, sob a invocação de Nossa Senhora da Luz, em bom estado, e ainda não concluída; a do Rosário ou dos Pretos; a da Ordem Terceira; e a de São Francisco de Paula, em construção. As sete Irmandades mantinham o espírito religioso, todas com seus compromissos aprovados: a do Santíssimo Sacramento, a de Nossa Senhora da Luz, a de São Miguel das Almas, a de São Francisco das Chagas dos Terceiros, a de Nossa Senhora do Rosário e a da Misericórdia. Existiam apenas duas escolas de primeiras letras para meninos e uma para meninas. Curitiba era dividida em 27 bairros, contando com 5819 habitantes, dos quais apenas 491 tinham idade acima de 40 anos. Tinha 308 casas, sendo 52 em construção; 38 lojas de negócios, 35 armazéns, 3 lojas de ourives, 5 de ferreiro, 2 de marceneiro, 1 de celeiro, 9 de sapateiro, 1 padaria, uma tipografia que imprimia o jornal Dezenove de Dezembro. Em 9 de junho de 1852, a sociedade maçônica Fraternidade Curitybana se extinguiu e se converteu em sociedade filantrópica, a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia da Cidade de Curityba.

O primeiro Compromisso da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia da Cidade de Curityba, aprovado em 9 de junho de 1852, dizia que fica convertida a sociedade Fraternidade Curitybana em sociedade philantropica, com a denominação de Irmandade de Misericórdia da cidade de Curityba, a qual se empregará toda em atos de beneficencia, mui principalmente no soccorro de indigentes, miseráveis e desvalidos. A propriedade legada a irmandade, com os fundos da extincta sociedade,

passarão a fazer parte dos fundos da nova irmandade. (...).

Durante muitos anos, as reuniões da Santa Casa de Curitiba aconteceram na capela de São Francisco de Paula (ruínas do alto de São Francisco), administrada pela Irmandade.

O primeiro provedor da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba foi o comendador Manoel Gonçalves de Moraes Roseira. O comendador Roseira foi deputado provincial na primeira Assembleia da Província do Paraná. Em 1855, a Santa Casa de Curitiba teria outra doação de um prédio, de outra loja maçônica, a Candura Curitibaana, formados por maçons da Fraternidade Curitybana, localizado na Rua Direita, também chamada de Rua dos Alemães (hoje Rua Treze de Maio). Seu primeiro médico foi o Dr. José Cândido da Silva Murici, e foi o único, até sua morte em 1879.

Noticiava o jornal 19 de Dezembro da época:

**Assim, os membros da "LOJA MAÇONICA - CANDURA CURITYBANA" do Oriente de Curityba, reunidos em Sessão especial dia 7 de Novembro de 1855, resolveram oferecer a Irmandade da Santa Casa de Misericordia, o predio de seu Templo, a Rua Direita, hoje 13 de Maio, com todos os moveis, bens e numerarios, para patrimonio e sede do novo hospital, dessa Irmandade, que em sessão resolveu aceitar a nobre oferta da Loja "Candura".**

Consta-nos que os respeitáveis irmãos de uma loja maç.: desta cidade, que ha muito tempo não trabalha, se reunirão hoje em sessão para a dissolverem e fazerem doação da casa, bens moveis que possui, dinheiro e dividas activas ao novo hospital da Santa Casa, que se vae crear.

Muito louvamos a tão benelicentes maçons por um procedimento que os torna dignos filhos da verdadeira luz.

Do jornal "19 de Dezembro", Nº 32, pág. 3 dia 07/11/1855

Os registros e história da Loja Candura Curitybana se perderam no tempo, não sendo encontrados mais registros ou menções a respeito dela.

O Dr. Murici foi o seu primeiro e único médico até sua morte em 1879. Foi responsável pela construção do atual Hospital de Caridade, onde o Imperador Dom Pedro II, em visita ao Paraná, em 22 de maio de 1880 inauguraria o majestoso edifício que até hoje abriga o Hospital de Caridade, cuja construção fora iniciada em 1868 pelo benemérito Dr. José Cândido Muricy, personalidade inolvidável para a comunidade curitibana e para a história do Paraná. Atualmente, o hospital é o mais importante prédio histórico curitibano e desde então, a Santa Casa de Misericórdia vem cumprindo seus objetivos. Quanto ao terreno da construção do atual prédio, a doação foi feita pela Câmara Municipal.

## **Loja 27 de Dezembro**

Fundada, em 27/12/1873, onde em 1876 filia-se ao Grande Oriente do Brasil, mas, irmãos contrários a filiação, dividem a Loja 27 de Dezembro. Existem então duas Lojas com o mesmo nome, uma jurisdicionada ao Grande Oriente Unido do Brasil, sendo o Grão Mestre Saldanha Marinho e outra, jurisdicionada ao Grande Oriente do Brasil, ao Vale do Lavradio, sendo o Grão Mestre Visconde do Rio Branco. Uma das Lojas abateu colunas em 1897 para então ser reerguida como Loja Fraternidade Paranaense. A outra juntou-se a Loja Apóstolo da Caridade, a qual não existem registros até 1964, havendo então uma cisão da Loja Apóstolo da Caridade ficando uma parte no então Grande Oriente Independente do Paraná de Antônio Couto Pereira, e a outra no Grande Oriente do Brasil.

Para muitos, embora não tenha sido a primeira Loja a ser fundada em Curitiba, é a partir da Loja 27 de Dezembro que a Maçonaria cresceu e se multiplicou na cidade.

## **Loja Fraternidade Paranaense**

Em Curitiba, em 1897 é fundada a Loja Fraternidade Paranaense.

No princípio de 1899, o governo do Estado do Paraná, abre concorrência pública para a venda do imóvel, onde estava sediado o Museu Paranaense no Largo Zacharias, hoje Praça Zacharias, onde está o Edifício



Acácia. O resultado deu-se no dia 30 de junho, sendo a proposta mais vantajosa o da Loja Fraternidade Paranaense, que além de pagar, oferecia suas salas para funcionar uma Escola primária pública, a qual funcionou gratuitamente, por mais de 40 anos, beneficiando a população curitibana sob a responsabilidade da Maçonaria Paranaense, chamada Escola José Carvalho.

## **A Luz Invisível**

Em 3 de maio de 1900, é fundado o Centro Esotérico “Luz Invisível”, com “Z”, para atender às ideias de maçonaria esotérica, que não se satisfaziam na vida das outras lojas do Paraná, e em setembro do mesmo ano é fundada a Loja Maçônica Luz Invisível.

Em 1902 há uma divisão da Loja Luz Invisível, tendo uma delas ficado (Independente), chamando-se Loja Capitular Luz Invisível.

Com a divisão da Loja, instala-se uma confusão nas duas Lojas. Assim, a Loja Luz Invisível (Independente), criou o Capítulo, chamando-se Loja Capitular Luz Invisível, e deixou de usar o carimbo original da Loja Luz Invisível que ainda estava federada ao G.O.B. No dia 7/10/1903, é deferido o pedido de mudança de rito, do Escocês Antigo e Aceito para o Moderno, conforme Bol. GOB 10 - 1903 pág. 664.

Acredita-se que esta mudança foi para diferenciar da outra Luz Invisível independente.

No mês de março de 1905, a Loja Luz Invisível deixa de utilizar as instalações da Loja Fraternidade Paranaense, no Largo Zacharias, e em agosto de 1906

a Loja Luz Invisível firma um contrato de locação com a Loja Unione e Fraterllanza, que também Praticava o Rito Moderno.

Em 1904 o irmão Dario Vellozo, esboça o desejo da Oficina em construir seu Templo próprio. Fica então instalada na Rua São Francisco nº 68, até maio de 1908, quando a Loja Luz Invisível muda para propriedade própria na Rua Voluntários da Pátria, esquina com Pedro Ivo. Sendo sua inauguração no dia 04/06/1908 e reinaugurado após reforma efetuada, em 21 de abril de 1919.

O Templo inaugurado em 1908 é posteriormente vendido na década de 70 para adquirem outro imóvel na R: Castro, no Bairro Água verde - Curitiba - Paraná, onde novamente construiu-se outro Templo.

Em 1964, separa-se do Grande Oriente do Brasil, trabalhando de forma independente até 1973, quando então filia-se a Grande Loja do Paraná, com o nº 33.

## **A Loja Luz Invisível e o Centro de Estudos Independentes "Luz Invizível"**

Em 1899, Dario Vellozo publica a 1ª edição do livro Templo Maçônico, e nessa época entra em contato com Irmãos da França, pois era um assinante da revista L'Initiation.

Em de 1900, em 3 de maio, funda o Grupo Independente de Estudos Esotéricos "Luz Invizível", ainda tendo a grafia com "Z". Nessa mesma data apresenta os Regulamentos da Luz Invizível, onde constava que o Centro Luz Invizível

era uma congregação destinada a promover por meio de conferências, leituras, palestras sessões práticas e questões dirigidas, ao estudo da Ciência Oculta, Magnetismo, hipnotismo e literatura esotérica. Ainda nos Regulamentos do Centro, constava que se baseavam pelos Estatutos Gerais do próprio Grupo Martinista de Papus em Paris. A autorização de funcionamento chega por carta patente datada de 10 de julho de 1900.

Nasce assim, a pleno vigor, onde funcionou de forma regular e autorizada, o primeiro grupo esotérico Martinista do Brasil.

Quanto a Loja Maçônica Luz Invisível, Dario Vellozo explicava que era intenção fundar uma Loja do Rito Escocês, e dos membros da Loja selecionar aqueles que poderiam pertencer ao Centro, e assim iniciar-se na Loja Martinista.

## **Acácia Paranaense**

Fundada em 02/07/1900 a Loja Acácia Paranaense, que nasceu de um desdobramento da Fraternidade Paranaense. Foi fundada no Templo da Loja Fraternidade Paranaense, onde permaneceu até 1901 como locatária. Após, instalou-se na Rua XV de Novembro, 75 e, de 1902 até 1909, funcionou no Palacete Serro Azul, na rua do Serrito nº 9 (hoje, Solar do Barão, rua Pres. Carlos Cavalcanti).

Em 1909 mudam sua sede para a Rua São Francisco nº 51, e 1913 mudam-se novamente, da Rua

São Francisco nº 51, para o Palacete Wolf, hoje Praça Garibaldi, esquina com a Rua do Rosário, ocupando a parte superior do imóvel para a Loja.

Permaneceram ali de agosto de 1913 até agosto de 1920.

Em 1922 a Acácia Paranaense e algumas outras Lojas voltam as atividade na Praça Zacarias, até a fusão das três Lojas: Acácia Paranaense, Loja Giuseppe Garibaldi e a Loja Unione e Fraterllanza que ali funcionavam, dando origem a Loja Dario Vellozo do Grande Oriente do Brasil em 1939 conforme (Livro Atas nº 13 pág. 178, da Loja Acácia Paranaense).

## **Loja Unione e Fraterllanza**

Foi fundada no Templo da Loja Acácia Paranaense na Rua XV de Novembro, 75, local onde esteve instala a Livraria Guinhone. Em 1906, a Loja Unione e Fraterllanza muda para o Rito Francês ou Moderno. Como a Loja Luz Invisível também trabalhava no Rito Moderno, a Loja Unione e Fraterllanza fez um contrato de locação com a Loja Luz Invisível por se tratar de um Templo apropriado para o seu atual Rito.

Na Rua São Francisco nº 68, permanece até outubro de 1908, quando então muda para seu Templo próprio situado na Av. Dr. Vicente Machado nº 6.

## **Loja Giuseppe Garibaldi**

Fundada dia 07/05/1914 sob a jurisdição do Grande Oriente e Supremo Conselho do Paraná, onde passou para

a jurisdição do Grande Oriente do Brasil quando da fusão daquele com o GOB, 1920.

## **Fundação da Loja Dario Vellozo**

Em 1922 a Loja Acácia Paranaense e algumas Lojas, voltam as atividades na Praça Zacarias, até a fusão das três Lojas: Acácia Paranaense, Loja Giuseppe Garibaldi e a Loja Unione e Fraterllanza que ali funcionavam, dando origem a Loja Dario Vellozo.

Alguns irmãos maçons já haviam sofrido abusos e perseguições na primeira guerra mundial. Assim, com a aproximação pelos acontecimentos da segunda guerra mundial, os maçons italianos e descendentes destes em Curitiba, das Lojas “Unione e Fraterllanza” e “Giuseppe Garibaldi”, optaram por uma fusão de Lojas tendo um nome que não fosse ligado ou lembrasse em nada a Itália.

Assim nasceu então a Loja Dario Vellozo que foi fundada em 16/02/1939 então com a fusão das três Lojas. Hoje, ao analisarmos os fatos históricos, vemos que assim conseguiram prever com antecedência as perseguições que os esperavam, pois clubes de Curitiba fundados e frequentados por imigrantes e descendentes de italianos e alemães foram depredados durante a Segunda Guerra Mundial. Estes incidentes vieram como resultado das tensões sociais provocadas pelo conflito que acontecia do outro lado do Atlântico, refletindo então na capital paranaense. Clubes foram interditados. O Clube Concórdia e a Sociedade Garibaldi sofreram intervenção militar e os

dois prédios foram retirados das mãos dos descendentes de alemães e italianos, por conta da política do presidente Getúlio Vargas contra as tropas do Eixo.

Em reunião do dia 23 de janeiro de 1940 na Loja Fraternidade Paranaense, um grupo de irmãos cogitam em vender o terreno em que situava-se o Templo, na Praça Zacharias, e essa ideia é então proposta em Loja pelo irmão Ricardo Negrão Filho, que gozava de bom prestígio junto aos irmãos. Como essa ideia não havia sido amplamente exposta e debatida, o resultado foi um desastre. O irmão Normando Jusi, que pertencia a Loja Fraternidade Paranaense e Dario Vellozo, apoiado por outros irmãos contrários à ideia da venda, cujo principal objetivo era adquirir outro terreno, e construir outro templo, deixando então uma quantia empregada em poupança, envia então correspondência, ao Poder Central, explicando o ocorrido na reunião, chamando-os de Vendilhões do Templo e assim, solicita seu quit placet da Loja Fraternidade Paranaense. Alguns obreiros se defendem, explicando que a intenção da venda, era devido aos problemas estruturais que enfrentavam na estrutura do Templo, abalada pelas enchentes do rio Ivo, que passava então, na parte dos fundos do Templo. A divisão de opiniões na Loja Fraternidade e na Loja Dario Vellozo aflorou de imediato, criando uma forte barreira entre as duas Lojas.

Estes acontecimentos levam a criação de outras Obediências Maçônicas regulares, como a Grande Loja do Paraná e a origem embrionária do Grande Oriente do Paraná, de 1952.

Em novembro de 1940, o irmão Fulton Lee Swain, pede também seu quit placet, o que é concedido sob inúmeros elogios por parte de outros irmãos. Um dos que se pronunciaram foi o Dr. Silas Pioli, afirmando que devia sua iniciação ao irmão Fulton, e por isso estava de acordo com mesmo.

## **Grande Loja do Paraná**

As Grandes Lojas Brasileiras já haviam sido criadas em 03 de agosto de 1927 através de Mário Marinho de Carvalho Behring. Assim, destes dissidentes, nasceram três Lojas: a Regeneração, a Emancipação e a Libertação, as quais pediram guarida a Grande Loja do Rio de Janeiro.

As Lojas Regeneração, Emancipação e Libertação então subordinadas a Grande Loja do Rio de Janeiro, solicitam desligamento, para então fundarem a Grande Loja do Paraná, tendo como data oficial 25 de janeiro de 1941, e tendo como seu primeiro Sereníssimo Grão Mestre Hugo Simas. Até 1944 a Grande Loja do Paraná teve apenas estas três Lojas, e somente em 1945 é então fundada a Loja Sol do Oriente.

Em 17/07/1944 conforme citação em ata do dia 18/07/1944 da Loja Fraternidade Paranaense (Livro Atas nº 16), é fundado o Grande Oriente Independente do Paraná que funcionou até 1946, quando veio a fundir-se com a Grande Loja do Paraná. Teve como Grão Mestre Silas Pioli.

Realizada a fusão, as Lojas jurisdicionadas ao Grande Oriente Independente no Estado do Paraná, passaram para a jurisdição da Grande Loja do Paraná. Sendo as seguintes Lojas: Loja Fraternidade Paranaense, agora com o nº 05; Loja Dario Vellozo, com o nº 06 e a Loja Cavaleiros de Malta, com o nº 07.

A Loja Fraternidade Paranaense funcionou em vários locais, e em 1965 é feito o lançamento da Pedra fundamental da sede própria da Loja, local onde funciona até os dias de hoje, na Av. Visconde de Guarapuava, 26, Curitiba PR.

## **A Loja Dario Vellozo e o Edifício Acácia**

O jornal "O ESTADO DO PARANÁ" do dia 26 de Janeiro de 1961, noticiava:

**"Grandioso Empreendimento"**

**" A tradicional e central Praça Zacharias receberá um belo ornamento. O atual prédio da Loja Maçônica será demolido, cedendo lugar a um dos maiores e mais arrojados empreendimentos dos últimos tempos, Na tarde de ontem, a Mapi S.A. conceituada organização incorporadora, celebrou contrato de incorporação com a Loja Dario Vellozo para a construção de majestoso edifício na Praça Zacharias.**

Após a assinatura do contrato, a Firma Mapi S/A, inicia o trabalho de demolição do Templo, que por 41



anos testemunhou reuniões de grandes decisões, exaltações e vaidades pessoais na Maçonaria paranaense.

Junto à pedra fundamental do Edifício Acácia foi depositada uma urna hermeticamente fechada contendo uma ata assinada pelos presentes, livros maçônicos, jornais do dia, selos, moedas e um pequeno ramo de acácia.

Alguns dos presentes foram: Carlos Bardelli, Ven. da Loja Dario Vellozo, Waldomiro Pereira, Orador da Loja Dario Vellozo, Bixio Piscioti, representando o Grão Mestre Geral e Couto Pereira - Grão Mestre do Grande Oriente do Paraná, além da presença de elevado número de maçons de todo o Estado do Paraná e dos Estados vizinhos.

Depois de muitos atrasos, somente em fevereiro de 1966 os três primeiros pavimentos do Edifício Acácia foram entregues. Em junho desse mesmo ano a Loja Maçônica Dario Veloso muda-se para o recém inaugurado edifício. Restou do antigo templo, a águia de duas cabeças, ainda hoje pousada em local privilegiado da praça Zacarias, de onde a todos vê e é vista por poucos.

## **Grande Oriente do Paraná**

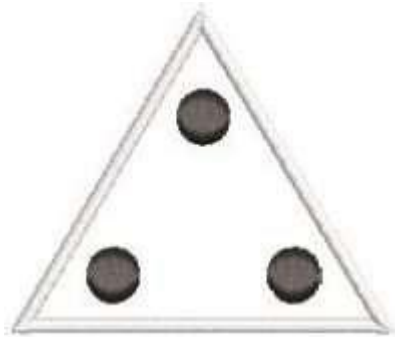
O Grande Oriente do Paraná, GOP é fundado em 09 de fevereiro de 1952.

Já haviam tentado criar um Grande Oriente com certa independência, não estando totalmente centralizado ao então Grande Oriente do Brasil. Em 1970, por questões eleitorais dentro do Grande Oriente do Brasil, gera uma

crise institucional culminando em 1973 com um processo de declaração conjunto de desfiliação de dez Grandes Orientes Estaduais do Grande Oriente do Brasil. Esse fato é considerado um dos maiores acontecimentos da história da Maçonaria no Brasil.

Por convocação do Grão-Mestre de Minas Gerais, Athos Vieira de Andrade, reuniram-se em Belo Horizonte – MG, os Presidentes Danylo José Fernandes, do Grande Oriente de São Paulo, Osmar Maria Diógenes, do Grande Oriente do Ceará, Salatiel de Vasconcelos Silva, do Grande Oriente do Rio Grande do Norte, Celso Clarimundo da Fonseca, do Grande Oriente do Distrito Federal, Nilson Constantino, do Grande Oriente do Mato Grosso, Enoch Vieira dos Santos, do Grande Oriente do Paraná, Miguel Christakis, do Grande Oriente de Santa Catarina, Luiz Alberto de Alcântara Velho Barreto, do Grande Oriente de Pernambuco, Afonso Augusto de Moraes, do Grande Oriente do Maranhão, e Ivan Neiva Neves, do Grande Oriente do Espírito Santo, resultando, dessa reunião, a fundação do Colégio de Presidentes da Maçonaria Brasileira. Decidiu-se que cada Grande Oriente Estadual seria autônomo, independente e soberano, reconhecendo os demais como legais e legítimos, com a adoção da Constituição e Regulamento Geral específico, e que o Colégio de Presidentes já seria uma instituição confederada, constituída para manter a integridade dos Grandes Orientes, unidos por interesses comuns. Já em Brasília, em 1991, houve votação da proposta de reforma do Estatuto e do Regimento Interno, aprovado por unanimidade, sendo então criada a Confederação Maçônica do Brasil - COMAB, ex-Colégio de Presidentes da

Maçonaria Brasileira. Essa alteração objetivou vincular cada Grande Oriente Federado a uma Confederação, sem perda da autonomia, independência e soberania.





## **Ildefonso Pereira Correia, o Barão do Serro Azul**

Ildefonso Pereira Correia nasceu 06 agosto de 1845, em Paranaguá. Seu pai, Manoel Francisco Correia Junior, o fundador da primeira Loja Maçônica no Paraná, encontrava-se no ostracismo, depois de haver sido a pessoa de confiança do governo imperial, naquela época em Paranaguá. Cometera a imprudência de imprimir um manifesto a favor da separação da Comarca de Curitiba da província de São Paulo. O gesto foi considerado uma ameaça imperdoável que lhe acarretou a destituição de todos os comandos. Assim, foi vítima do desagrado governamental, foi humilhado e esquecido. A chegada de mais um filho o confortava naquele momento de frustração e desespero.

Seu nome homenageia o padre que o batizou, que era uma das figuras mais notáveis do clero paulista.

Em 1857, seu pai veio a falecer. Pai que aprendera a admirar.

Em Paranaguá estudou as primeiras letras, e depois seguiu para o Rio de Janeiro. Completou lá o curso de Humanidades. Por orientação de seu irmão, Ildefonso ficou durante cinco anos em Montevideu e Buenos Aires, onde adquiriu a prática industrial e comercial, conhecendo melhor os mercados locais, que eram os maiores consumidores de erva mate brasileira. Com a suspensão

da importação da erva mate paraguaia, em consequência da Guerra do Paraguai, surgiu a possibilidade de incrementar ainda mais os negócios naqueles mercados, agora totalmente abertos. Ildefonso continuava assim a obra de seu pai, que era proprietário de engenhos de erva mate.

Em 1868 volta a Paranaguá, passando a ser o responsável pelo escritório de seu irmão. Em 1869 é proposto a iniciar na Loja Perseverança de Paranaguá em sessão de 23 de março de 1869 onde foi marcada a sua iniciação para uma data posterior. Todavia, não há documentação comprovando se foi iniciado ou não, pois em 1922 um incêndio destruiu o Templo da Loja, inclusive todos os livros de atas, exceto o primeiro, que não estava no interior do prédio. Apesar de sua iniciação ter sido dada como um fato concreto, não há uma única menção em qualquer livro, ata, ou documento que comprove que ele tenha sido iniciado realmente. Entretanto, quase todos os seus parentes foram maçons.

Foi o maior exportador de erva-mate do Paraná e maior produtor de erva-mate do mundo.

Seus irmãos galgaram posições importantes na política e nos negócios, e suas irmãs casaram-se com homens que viriam a ocupar posições de destaque no governo.

Aos vinte e sete anos, instalou seu primeiro engenho de erva-mate em Antonina, e quatro anos depois viajou aos EUA para exibir seus produtos na Exposição Americana obtendo grande sucesso. Retornando, recebeu convite para ser candidato a deputado

provincial pelo partido Conservador, e partir daí, nunca mais deixou de participar de atividades políticas.

Com a construção da estrada da Graciosa em 1873, que liga o litoral a Curitiba, transfere todas as suas atividades para Curitiba, pois nessa época já acumulava ponderável riqueza rivalizando com as famílias mais abastadas e tradicionais do Paraná.

Em Curitiba, adquiriu e modernizou o engenho Iguçu, construiu o Engenho Tibagi, adquiriu serrarias e começou a exportar madeira.

Em 1888, associado com Jesuíno Lopes, assumiu o controle da antiga Typographia Paranaense, fundada em 1853 por Cândido Lopes na cidade de Curitiba. Transformou-a na Impressora Paranaense com o objetivo de melhorar a confecção das embalagens da erva mate por ele exportadas.

Adquiriu o controle da Companhia Ferrocarril de Curitiba, e assim, lançou as bases do Banco Industrial e Mercantil, além de comprar o jornal Diário do Comércio.

Fundou o Clube Coritybano, e em 1890 ajudou a fundar a Associação Comercial do Paraná, onde tornou-se seu primeiro presidente.

Causou simpatia ao imperador Dom Pedro II quando este visitou Curitiba em 1881 ficando instalado em sua residência. Logo, lhe foi concedido a comenda Imperial Ordem da Rosa.

Assumiu interinamente o governo da província em 1888. Foi um abolicionista convicto, e quando se tornou presidente da câmara municipal de Curitiba, comprometeu-se a promover a emancipação dos escravos do município.

Em 1888, recebeu da princesa Isabel, então regente do Brasil, o título de Barão do Serro Azul.

Faleceu em 20 de maio de 1894 com o fim da Revolução Federalista.



Barão do Serro Azul (Wikipédia)



## **O Contexto da Revolução Federalista em Curitiba no ano de 1894**

Ruas misturavam-se a plantações e o mato se sobrepunha as casas. O comércio da erva mate enriquecia a ainda pacata cidade de Curitiba, quando em 1894, esta viveria o drama de ser invadida durante a Revolução Federalista.

Esta história começa após o levante republicano liderada por maçons, como Benjamin Constant, Francisco Glicério e Campos Sales, dentre vários outros, culminando então com a proclamação da república em 15 de novembro de 1889 pelo Marechal Deodoro da Fonseca, o qual, torna-se o primeiro presidente eleito.

Este, pouco antes de completar dois anos no cargo, acaba renunciando devido as fortes pressões. Quem assume em seu lugar é o seu vice, Marechal Floriano Peixoto, conhecido como Marechal de Ferro. Conforme rezava a constituição da época este deveria convocar novas eleições, o que não o faz. Ele não abre margens para convocação de eleições, fecha o congresso nacional por algumas semanas e recoloca alguns políticos novamente no poder. Um destes políticos recolocados ao poder foi Julio Castilho, no Rio Grande do Sul, o qual já havia sido deposto pela população.

Com estes atos, cria-se uma revolta generalizada no Rio Grande do Sul. Muitos aderem a este movimento e assim tem início a Revolução Federalista, tendo entre os

principais líderes desta revolução, o General Gumerindo Saraiva.

O principal objetivo destes revolucionários que ficaram conhecidos como Federalistas ou Maragatos, era destituir Floriano Peixoto do poder e convocar novas eleições conforme determinava constituição da época. Com esse propósito, iniciaram uma marcha do Rio Grande do Sul até a atual sede da capital brasileira, no Rio de Janeiro.

Chegaram em Santa Catarina onde tomaram a capital do estado, Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis, recebendo este nome após o fim da revolução em homenagem a Floriano. Depois de Santa Catarina os revolucionários Maragatos chegam ao Paraná. Tomam Paranaguá e Tijucas do Sul. A cidade da Lapa, próximo a Curitiba também foi alvo e eis a razão pela qual a revolução não foi vencida pelos revolucionários.

Os revolucionários chegam a Lapa em 17 de janeiro de 1894 e ali encontraram grande resistência, pois Floriano mandara para lá um de seus melhores homens, Antônio Ernesto Gomes Carneiro, o General Carneiro, o qual foi decidido a seguir as ordens de seus superiores até a morte. A cidade sofre um cerco durante 26 dias, fato este, que ficou conhecido como o Cerco da Lapa. Foram 639 homens lutando contra aproximadamente 3 mil revolucionários Maragatos. A Lapa capitula somente com a morte do General Carneiro. A Revolução Federalista fez aproximadamente 500 mortos e foi o que enfraqueceu consideravelmente a Revolução Federalista.

Em Curitiba, o vice-presidente do estado em exercício, Vicente Machado, temendo pelo pior transfere a

capital do estado do Paraná para a Cidade de Castro, onde se desloca e permanece por 3 meses.

Quando os curitibanos percebem que foram abandonados pelo governo e forças armadas, entram em pânico e recorrem a pessoa de Ildefonso Pereira Correia, O Barão do Serro Azul, o maior produtor de erva mate do mundo, abolicionista, carismático e envolvido com a política, o que o fazia ser querido por todos. Este, em princípio recusa-se a tomar qualquer providência, porém, devido as circunstâncias, monta uma junta governativa provisória com 5 outros maçons, sendo estes da Câmara de Comércio de Curitiba. Assim, desenvolveram um plano de defesa, que sem armas nem soldados, o que lhes restava era coletar todo o dinheiro que pudessem e trocá-lo pela salvaguarda da cidade e de sua população.

Quando os revolucionários então chegam a cidade, o acordo de paz foi selado, mediante o empréstimo de guerra de 300 contos de réis, o que era quase metade do valor que o Brasil havia gasto na Guerra da Tríplice Aliança em seis anos de guerra.

Com o acordo, os revolucionários permanecem em Curitiba por cerca de 3 meses, aguardando reforços do sul, que acabaram por não chegar. Enquanto isto, gastaram na cidade boa parte do dinheiro que haviam recebido.

Recebendo reforços dos Estados Unidos, tropas Florianistas começam a marchar para o sul. Aproximando-se de Curitiba. Os revolucionários já enfraquecidos abandonam então a cidade com intenção de voltar mais tarde fortalecidos. No entanto, a revolução estava

terminando mediante as forças dos Pica Paus ou Legalistas, como ficaram conhecidas as tropas de Floriano Peixoto.

Após a evacuação, muitos questionaram a atitude de Ildefonso Pereira Correia, o Barão do Serro Azul e seus cinco companheiros da Câmara de Comércio da cidade.

Fugitivos viraram heróis e aqueles que permaneceram e fizeram de tudo para defender a cidade, viraram traidores. Deste modo, o Barão e os outros cinco que compunham a junta governativa provisória são presos. Por temer represália do povo curitibano, não se ousou fazer nada em Curitiba. Mandou-se que fossem levados ao Rio de Janeiro, onde seriam julgados pelo crime de traição à pátria. Porém, a verdadeira ordem era para que estes não chegassem ao seu destino.

Por volta das 23 horas do dia 19 de maio de 1894, o Barão e seus companheiros são acordados da prisão de onde seguiram embarcados no trem com destino a Paranaguá, de onde seguiriam de navio até então o Rio de Janeiro para serem julgados. Por volta de 01:30 horas da manhã do dia 20 de maio de 1894 foi acionado os freios de emergência da composição até que esta parasse. Quando o trem parou, próximo ao km 65,5 da Ferrovia Paranaguá Curitiba, os seis homens foram jogados para fora e ali sumariamente assassinados a tiros. Os corpos foram jogados no precipício, onde hoje no local está uma cruz. Passados cinco dias, o coronel Ordine, junto com seis homens, foram ao local às escondidas para dar ao menos um enterro digno a eles. Os corpos já haviam sido mexidos, estavam sem joias e alguns, inclusive, sem sapatos. Ordine narra que haviam vestígios no corpo do

Barão de dois tiros: um na coxa da perna direita e outro no olho. Depois de feito o reconhecimento dos seis mortos, foram enterrados na serra em posições diferentes, já se pensando em uma chance de levar o corpo do Barão para um sepultamento mais respeitoso, junto com o corpo do negociante Maçom Presciliano Corrêa. Ambos ficaram à direita dos trilhos do trem.

O corpo de Ildefonso Pereira Correia foi resgatado somente cerca de um ano depois do seu fuzilamento na Serra do Mar. O resgate foi uma verdadeira saga: às escondidas, dez homens gastaram 13 dias para pegar o cadáver e levá-lo ao Cemitério Municipal de Curitiba para sepulta-lo as escondidas.

O assunto foi abafado na sociedade paranaense e durante mais de 40 anos o Barão do Serro Azul foi considerado traidor. Os seus atos foram banidos da história oficial do Estado do Paraná, documentos foram arrancados, referências apagadas, e qualquer discussão proibida. Talvez por isto não encontramos documentação maçônica do Barão do Serro Azul.

Todos os seus bens foram confiscados. Seu palacete desde então passou a ser ocupado pelo 5º Distrito Militar, e pasmem pela Maçonaria. Vale lembrar que tanto o Barão do Serro Azul, como Marechal Floriano, Vicente Machado e tantos outros envolvidos na Revolução Federalista eram Maçons.

Somente em 1944 o Congresso Nacional estudou os eventos da época, e no dia 16 de dezembro de 2008 o nome de Ildefonso Pereira Correia foi adicionado no Livro de Aço dos Heróis da Pátria no Panteão da Liberdade em Brasília, tornando-se assim o primeiro herói paranaense.

Seu palacete do final do século XIX, é caracterizada como um belo exemplar remanescente das residências da elite curitibana daquela época. Construído em 1885, pelos engenheiros italianos Ângelo Vendramin e Batista Casagrande, onde o Barão do Serro Azul habitou por 10 anos com sua família. Foi restaurado em 1980 pela Prefeitura Municipal de Curitiba e hoje pode ser visitado.



Solar do Barão, rua Presidente Carlos Cavalcanti N.º 533 – Acervo pessoal



Cruz no Barão, no km 65,5 da Ferrovia Paranaguá Curitiba – Acervo pessoal

## **Dario Persiano de Castro Vellozo – Simbolista e Esoterista de Curitiba**

(1869 – 1937)

Nasceu no dia 26 de novembro de 1869, na cidade do Rio de Janeiro, filho de Ciro Persiano de Almeida Vellozo e Zulmira Mariana de Castro Vellozo. Em 1885 o pai transfere-se com os filhos, para Curitiba - Paraná.

Parafraseando Dario, como referia-se a si mesmo: "Partiu. O Paraná acolheu-o. E amou o Paraná com o afeto agradecido de quem encontra um ninho à psique nômade e sofredora".

Vai trabalhar como tipógrafo, na oficina do jornal Dezenove de Dezembro.

Na efervescência da campanha republicana, em 1889, redigiu "A Ideia", órgão propagandista dos estudantes. Foi diretor da revista "Clube Curitibano" de 1890 a 1901. Fundou com Júlio Perneta e Antônio Braga, a "Revista Azul" que foi suspensa com a revolta da esquadra em 1893, surgindo "O Cenáculo", revista que se fez conhecida no país e teve a colaboração de Rocha Pombo, Carvalho de Mendonça, Albino Silva e outros grandes vultos das letras nacionais. No decorrer dos anos de 1895 a 1897. De 1898 a 1902 colaborou na revista "Jerusalém" da Loja Maçônica Fraternidade Paranaense. Em 02 de Março de 1898 é nomeado professor interino e, depois, efetivado (após concurso) como professor de História Universal e do Brasil em 19 de Abril de 1899 no

Ginásio Paranaense antigo Instituto paranaense, no qual estudou. Redigiu “A Esfinge” que fundou para propagação de estudos esotéricos e ciências ocultas, de 1899 a 1908. De 1909 a 1912 fundou e redigiu o “Ramo de Acácia” para propaganda e dedicação ao Pitagorismo e Teosofia. Funda o Instituto Neo Pitagórico em 1909, onde constrói um fabuloso e helenístico “Templo das Musas” (1918), procurando reviver a magna Grécia, tendo publicado no ano anterior os estatutos da Sociedade Neo Pitagórica. Suas Celebrações Místicas se deram entre as Colunas do mesmo, atraindo inúmeros Iniciados e admiradores. Também fundou “Pátria e Lar” publicada de 1912 a 1913, dedicada a estudos de sociologia. De 1916 a 1920 circulou “Mirto e Acácia” que fundou para divulgação de estudos iniciáticos. Em 1918 surge sua revista “Brasil Cívico” como fator de reeducação nacional, com duração de um ano. De 1920 a 1927 circulam suas revistas “Pitágoras” e “Luz de Crótona” dedicadas a Teosofia, Maçonaria e Pitagorismo.

Fez-se poeta simbolista. Foi delegado de organizações, ordens e embaixadas em congressos tais como: Congresso do livre pensamento maçônico, em Buenos Aires em 1906; 3º e 4º Congressos de Geografia e História, em Curitiba e Belo Horizonte, representando o Paraná em 1919, Congressos Maçônicos no Rio de Janeiro em 1904 e 1906. Fundou muitas Instituições, tais como o Centro Esotérico Luz Invisível, Loja Maçônica do mesmo nome, Instituto Neo Pitagórico, Escola Brasil Cívico em Rio Negro, Loja Teosófica Nova Crótona.

Sua tarefa de lecionar prolongou-se por 46 anos ininterruptos. Eis a vida laboriosa do mestre que muito contribuiu com a sociedade paranaense, voltando-a para a



liberdade de consciência. De Martinista que lutava pela paz iniciática, Dario transpôs as fronteiras da pátria.

Foi para satisfazer a última vontade de Dario Vellozo que o funeral foi o mais modesto possível onde a família mandou construir um caixão rustico, forrado e coberto de morim branco, sem alças, enfim, o mais simples possível, sem aparato. O fundador do Instituto Néo Pitagorico foi grande na sua simplicidade. O caixão fora transportado em carro de 3ª classe e o corpo do grande educador brasileiro envolto em uma túnica branca passou à frente das casas onde havia residido.

Liderou o mais importante movimento literário paranaense, o Movimento Simbolista.

Estudei Papus, Barlet, De Guaita, Sedir, Saint-Yves d'Alveydre, Fabre d'Ollivet, Court de Gébelin ... " (Dario Vellozo, À margem do cristianismo esotérico, in Ramo de Acácia, ano IV, nº 28, 1911).

Os estudos de Teosofia e Ocultismo encetei-os, em maio de 1896, com a leitura do Tratado Metódico de Ciência Oculta, de Papus. À pág. 1062, dessa obra, se me depararam pela primeira vez os Versos Dourados, traduzidos do grego por Fabre d'Ollivet. Em setembro do mesmo ano, encetava a vulgarização das doutrinas esotéricas pela revista Clube Curitibano, ano VII. (Dario Vellozo, Horto de Lysis, 1922, p. 173).

Há onze anos estudo a Teosofia, há quinze o Ocultismo; em ambos hei encontrado base idêntica à dos Antigos

Mistérios, à da Doutrina dos Colégios Iniciáticos, - sintetizada na Escola de Crótona, fundada por Pitágoras, e continuada até a época atual ( ...)".

(Dario Vellozo, À margem do cristianismo esotérico, in Ramo de Acácia, IV. out. a dez. de 1911, nº 28, pp. 311/312).

"O Brasil não podia conservar-se alheio ao belo movimento que se tem acentuado na Europa e se vai acentuando na América. Os arautos do século XX proclamam a Renascença do Espírito, a Era Nova da Alma. Os templos da Ciência Oculta ilumina-se; sábios e pensadores grupam-se em Centros de Estudos Esotéricos -continuando as tradições da Kabbala, da Gnose, da Rosa + Cruz ... Os Símbolos da Maçonaria fulgem nos Santuários; e a Alma das Tradições surge, numa aspiração radiosa, alimentando no coração dos F.'. V.'. a Flambejante estrela da Esperança."

De DARIO NOGUEIRA DOS SANTOS (Apolonio de Tyana IIº) A DARIO VELLOZO (Apolonio de Tyana) Do I.N.P. Curitiba – Paraná (26 – Agosto – 1949)

A sepultura do intelectual e escritor Dario Vellozo é intencionalmente singela, possuindo apenas um gradil em metal cercando a área.



Sepultura de Dario Vellozo no Cemitério Municipal de Curitiba - Acervo Pessoal (12)



INP – Instituto Neo Pitagórico  
Ida Hoffmann, o Conde Albert Costet de Mascheville e Dario Vellozo.  
(Fonte INP)

## **O movimento simbolista no Paraná**

O Movimento Simbolista teve início no começo do século XX, e marcou uma fase importante da literatura paranaense. Influenciados por escritores europeus, os simbolistas paranaenses cultuavam valores aristocráticos e tinham, no plano temático uma atração pelo oculto e pelo mistério.

O movimento essencialmente poético, teve adeptos em várias partes do país, mas se aclimatou e ganhou características próprias no Paraná, mais especificamente em Curitiba, com os poetas simbolistas Dario Vellozo, Antônio Braga, Silveira Neto e Júlio Perneta.

É certo que a atração pelo oculto e pelo mistério foi a marca dos simbolistas em Curitiba, especialmente na poesia de Dario Vellozo e a de seus seguidores. Já a poesia de Emiliano Perneta é marcada por busca do absoluto, pelo requinte, o alto domínio da linguagem, o que imprime certo alquimismo na sua poesia.

Dario Vellozo caminhou cada vez mais em direção a uma poesia erudita e de ideias comprometidas com o ideal pitagórico que tanto defendeu e que tentou materializar.

Na época, as revistas foram o principal meio de propagação do novo ideário, de produção dos simbolistas locais. No Paraná, o interesse pelo símbolo e pelo esotérico circulou nas reuniões e debates, ganhando força



com a revista O Cenáculo em 1895, tendo à frente Dario Vellozo, Silveira Netto, Júlio Pernetta e Antônio Braga.

É preciso notar que essas revistas eram artesanais, altamente requintadas, com tiragem pequena e distribuição dirigida, e que certamente circularam dentro das Lojas Maçônicas em Curitiba.

## **Silas Pioli**

Veio com a família em 1912 para Curitiba, e um ano depois Silas passava a estudar na escola alemã. Em 1914 transferiu-se para o Colégio Julio Teodorico Guimarães, e logo para o Ginásio Paranaense. Em 1922 iniciou sua vida desportiva, tendo pertencido ao América Foot-ball Club e ao Clube Atlético Paranaense.

Em 1928 foi instrutor de basquete, onde também foi campeão brasileiro.

Em 1930 ingressou na Faculdade de Engenharia do Paraná, onde dedicado também à política estudantil, torna-se em 1932 Presidente do Centro Acadêmico de Engenharia.

Em 1934 recebe o diploma de Engenheiro e em 1935 o interventor Manoel Ribas designou-o Engenheiro da Prefeitura de Paranaguá, e no ano seguinte Engenheiro Fiscal de Obras de Curitiba, cargo que exerceu até 1939.

Em 1951 fundou a cidade de São Carlos do Ivaí, onde foi Prefeito no período 1961-1965.

Em 1973 foi eleito prefeito do município de Rio Branco do Sul, cargo que exerceu até 1977, tendo sido paralelamente membro do Conselho Consultivo da Coordenação da Região Metropolitana de Curitiba em 1974.

Em 1938, no dia 22 de março, Silas Pioli foi iniciado na Maçonaria na Loja Luz Invisível, do Grande Oriente do Brasil (GOB). Elevado em 10 de junho desse mesmo ano, aos 12 de abril de 1939 foi exaltado Mestre Maçom, filiando-se à Loja Dario Vellozo. Mais tarde foi Grão-Mestre do Grande Oriente do Paraná, Grande Loja do Paraná e Grande Loja Unida do Paraná, esta última sendo ele um dos fundadores em 1981.

Em 1941 foi louvado e agraciado pelo GOB pelos relevantes serviços prestados. Em 1942, já no grau 18, era eleito 1º Vigilante de sua Oficina onde, em 1943, tornar-se-ia Venerável Mestre. Em 1944 sua Loja, juntamente com as Lojas Fraternidade Paranaense e Cavaleiros de Malta fundavam o Grande Oriente do Paraná, tendo, logo em seguida, optado por levantar a Grande Loja do Paraná, da qual veio a tornar-se Grão-Mestre.

Em 1981 fundou, juntamente com outros maçons que não estavam satisfeitos com os rumos tomados pela Grande Loja do Paraná, outra Potência, seguindo então

não mais os passos da regularidade inglesa, e sim da Maçonaria francesa. Silas Pioli foi um dos pioneiros da Loja Juca Paranhos em Rio Branco do Sul – PR.

Em 1997 Silas Pioli faleceu, deixando na história pegadas marcantes.

## **O Clube Concórdia**

O Gesangverein Germânia, como é chamado por alguns alemães, é um clube inaugurado em Curitiba em 4 de abril de 1869, por imigrantes alemães. No ano de 1886, lançou a pedra fundamental do atual edifício, na rua Carlos Cavalcanti. Sua inauguração aconteceu no dia 26 de agosto de 1887. Sua construção centenária, hoje é uma das sedes do Clube Curitibano.

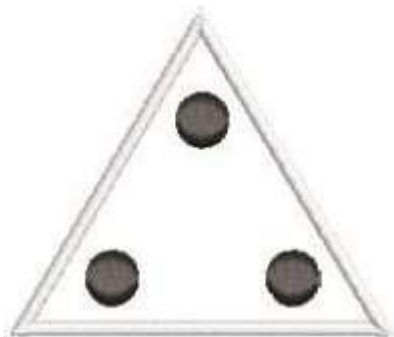
## **O Clube Garibaldi**

Fundada em 1883, a Sociedade Italiana Dimutuo Scorso Giuseppe Garibaldi, teve como função servir de escola para os filhos de imigrantes italianos.

Em 24 de julho de 1887 é feito o lançamento da pedra fundamental do seu edifício localizado no Alto do São Francisco, e em 1904 o edifício é concluído. Com a Segunda Guerra Mundial, a sociedade foi desapropriada pelo governo, em razão do Brasil ter declarado guerra à Itália, devolvendo-a para a comunidade somente vinte anos depois, em 1962. Depois de retomado o edifício, em



1962, ela muda de nome e, a partir de então, passa a se chamar Sociedade Beneficente Garibaldi.







## Referencias e Créditos

Academia Brasileira Maçônica de Letras. **Formação Histórica da Maçonaria**. Rio de Janeiro: ( S. N.), 1981.

ADOUM, Jorge. **Do Mestre Maçom e seus Mistérios. 3º. Grau**. São Paulo: Ed. Pensamento, 1997.

ADOUM, Jorge. **Grau de Companheiro e seus Mistérios**. São Paulo: Ed. Pensamento, 1997.

AGULHON, Maurice. **Penitents et Franc-Maçons de L`ancienne Provence**. Paris: Fayard, 1984.

ALENCAR, Renato. **Enciclopédia Histórica do Mundo Maçônico**. Rio de Janeiro: Ed. Maçônica, 1978.

ALONSO, Angela. **Idéias em Movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ANATALINO, João. **Conhecendo a Arte Real – A Maçonaria e suas Influências Históricas e Filosóficas**. S. Paulo: Madras, 2007.

ARÃO, Manoel. **História da Maçonaria no Brasil**. Recife: Ed. Do autor, 1926.

ASLAN, Nicola. **História Geral da Maçonaria: fatos da maçonaria brasileira**. Rio de Janeiro: Aurora, 1979.

BASBAUM, Leôncio. **História Sincera da República (1889 – 19300)**. 5ª ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1975

BAUER, Alain. **O Nascimento da franco-maçonaria:** Isaac Newton e os Newtonianos. S. Paulo: Madras, 2008.

CASTERLANI, José. **A Maçonaria e o Movimento Republicano Brasileiro** Editora Traço, 1989

COSTA, Frederico Guilherme. **A Maçonaria Dissecada.** Londrina: Ed. A Trolha, 1995.

COSTA, Frederico Guilherme. **A maçonaria e a Emancipação do Escravo.** Londrina: Ed. A Trolha, 1999.

COSTA, Wagner Veneziani. **Maçonaria. Escola de Mistérios:** a antiga tradição e seus símbolos. São Paulo: Madras, 2006.

FENIANOS, Eduardo emílio. Centro, Aqui nasceu Kur y t yba

PRADO JR. Caio. **História Econômica do Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1970.

QUEIROZ, Suely Robles Reis de. **Os Radicais da República.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

<http://www.museumaconicoparanaense.com.br>

<http://www.pitagorico.org.br/>

<https://www.gob.org.br/>

<http://www.gop.org.br>

<https://glp.org.br>

## **Sobre o Autor**

Marcos Pereira é Professor, Pedagogo, Historiador e Guia de Turismo Embratur– PR. Mestre Maçom, Rosacruz AMORC e Martinista TOM.

Filiado ao Sublime Capítulo Paraná n. 46 do Supremo Conselho do Rito Moderno.

Pós Graduado em Ensino Religioso e História das Religiões, PNL – Programação Neurolinguística, Supervisão e Orientação Pedagógica, Educação Ambiental e Ensino de Ciências.

É pesquisador de história e tem paixão pela história da cidade de Curitiba e pelo estado do Paraná.